

O RETORNO DO “MESTRE CORDIAL”¹

ANIELLO ANGELO AVELLA

Universidade de Roma “Tor Vergata”

1. *Juvenilia*: o aprendiz erudito

É difícil, no rico panorama intelectual brasileiro dos últimos decênios, encontrar um estudioso que, como o autor do livro que aqui apresentamos, tenha produzido um “corpus” de obras tão vário e vasto, um mosaico de extraordinário interesse para quem queira procurar orientar-se na complexidade cultural do verdadeiro gigante (não somente em sentido geográfico) que é o Brasil.

História e crítica literária se entrelaçam convivendo em harmônica alternância, na atividade de Sérgio, do início dos anos vinte até a metade dos anos cinquenta do século XX; em 1956 é nomeado professor de História da Civilização Brasileira na Universidade de São Paulo e desde então se dedica mais decididamente à pesquisa histórica, não abandonando totalmente o seu, poder-se-ia dizer congênito, interesse pela literatura.

Nascido na cidade de São Paulo em 11 de julho de 1902, completa o ensino fundamental e médio fazendo amizade com personagens destinados, como ele, a ocupar posições de destaque no mundo da cultura: Guilherme de Almeida, Rubens Borba de Moraes, Sérgio Milliet e os dois Andrades, Mário e Oswald, futuros corifeus do movimento modernista já em incubação.

Em 22 de abril 1920, publica no *Correio Paulistano* o seu primeiro artigo intitulado “Originalidade Literária”.

Em 1921, transfere-se com a família para o Rio de Janeiro e matricula-se na Faculdade de Direito.

1922 é o ano da Semana de Arte Moderna realizada no Teatro Municipal de São Paulo (11-18 de fevereiro): Sérgio não participa pessoalmente da manifestação, mas apresenta no Rio a revista paulista *Klaxon*, da qual é colaborador. Publica na revista *Fon-Fon* um artigo sobre os futuristas de sua cidade natal, escrevendo ainda para o *Rio Jornal*, a *Revista do Brasil* (1ª. fase), e a *Idéia Ilustrada*.

Com Prudente de Moraes Neto funda a revista *Estética* (1924), que terá vida breve (são publicados somente três números em dois anos).

Forma-se em Direito em 1925 e continua a publicar artigos de crítica literária em diversos jornais e revistas.

Depois de ter começado a trabalhar na *United Press* (1926), transfere-se por algum tempo para o Estado de Espírito Santo onde, na cidade de Cachoeiro de Itapemirim, dirige o jornal *O Progresso*, daí o apelido recebido: “Doutor Progresso”.

Retornando ao Rio, continua as suas colaborações jornalísticas e entrevista, entre outros, Luigi Pirandello e Blaise Cendrars.

O grande salto para uma Europa já dilacerada por fortíssimas tensões político-sociais acontece, para o jovem e brilhante paulista, no ano crucial de 1929. Correspondente em Berlim para os *Diários Associados*, assiste à ascensão do nacional-socialismo enquanto, entre um artigo e outro, dedica-se à leitura de Meinecke (de quem é discípulo nas aulas de História e Ciências Sociais, que ele frequenta de vez em quando na universidade local), Weber, Simmel, Rilke, Kafka, Hoffmanstahl, Gundolf.

Para completar os vencimentos, escassos e nem sempre pontuais, colabora – por indicação da embaixada brasileira em Berlim – com a revista *Duco*, especializada nas relações comerciais entre a Alemanha e o Brasil, e traduz ao português as legendas de alguns filmes alemães, entre eles o célebre *Anjo Azul*, primeiro grande sucesso de Marlene Dietrich.

Embora as suas contribuições fossem essencialmente de natureza econômica e política, não faltam, como é natural, testemunhos de tipo literário. De particular interesse é o artigo de 23.1.1930 no *Diário de São Paulo* com o título “Thomas Mann e o Brasil”, uma entrevista ao escritor que acabara de receber o prêmio Nobel de literatura e que, como seu irmão Heinrich, tinha nas veias sangue brasileiro, pois a mãe, Júlia Brunh da Silva, morta em 1922, era filha de um alemão, proprietário de uma fazenda no Brasil, e de uma mestiça, provavelmente de sangue português e indígena:

Creio que a essa origem latina e brasileira devo certa clareza de estilo e, para dizer como os críticos, um ‘temperamento pouco germânico’. Li com paixão os clássicos alemães, os escritores franceses, russos e especialmente os ingleses, mas estou certo de que a influência mais decisiva sobre minha obra resulta do sangue brasileiro que herdei de minha mãe.

Comentando essas palavras do autor já consagrado por obras-primas do porte de *Os Buddenbrook* (1901), *Morte em Veneza* (1912) e do famoso panfleto *Considerações de um não-político* (1918), o “jornalista” sustenta que Mann é, no fundo, um poeta que escreve em prosa, sendo a sua escrita toda permeada por um “doce lirismo”, e observa com fina perspicácia filológica que o substantivo alemão *Dichter* designa, originariamente, tanto aquele que compõe versos como o prosador. É evidente, de fato, no verbo *dichten*, o influxo do latim *dictare*, que remete ao ato de dizer. A admiração pelo escritor supera, em Sérgio Buarque de Hollanda, os limites da literatura e atinge a esfera dos valores éticos: a sua obra, escreve ainda, “é fruto de uma individualidade capaz de dominar o espírito negativo e anárquico de sua época”, erigindo-a em exemplo daquele “humanismo orgânico” de que falara Goethe. Humanismo que, junto a uma cifra estilística marcada pela classe e pela fineza, mesmo no comportamento tão exuberante e jovial, representará por toda a vida o traço distintivo de Sérgio como intelectual e como homem.²

No plano científico, o período alemão deixa nele muitas idéias que, fermentadas através de um sólido processo de reflexão, se manifestam no momento de escrever *Raízes do Brasil* no uso de conceitos e termos derivados sobretudo de Max Weber (ver por exemplo as citações relativas à noção de *Beruf* e sobre as origens da burocracia, às relações entre ética protestante e espírito do capitalismo em contraposição à cordialidade brasileira, um tema – este último – objeto de mal-entendidos e polêmicas). Mas como bem viu Antonio Candido, Sérgio reelabora o critério tipológico weberiano temperando o esquematismo graças à sua notável flexibilidade na utilização do método dialético.³ A reconstrução ou – se se prefere – a *reinvenção* do Brasil no seu processo de formação histórica em relação à Europa e ao resto das Américas se desata segundo ritmos dinâmicos capazes de dar conta de maneira plausível das contradições que aos poucos vão se exprimindo. É nesse sentido, creio, que Fernando Henrique quis falar da presença hegeliana nesse livro.

2. Consolidação, afirmação, consagração: classe e disciplina mental

O retorno à pátria, acontecido no final de 1930, depois de um ano de “hibernação” nas frias neblinas da Europa central, segundo a carinhosa expressão de numerosos amigos, parece assinalar o início de um progressivo deslocamento para o setor histórico, mesmo se em 1931 Sérgio publica em São Paulo, na *Revista Nova*, um singular conto de caráter autobiográfico (“Viagem a Nápoles”), no qual, usando fórmulas do experimentalismo surrealista, lembra acontecimentos de sua infância.

O período transcorrido na Alemanha, com passagens na Polônia, parece ter orientado a sua *Ausbildung* para o caminhos das ciências sociais. A revista *Espelho* publica em 1935 o seu longo estudo intitulado “Corpo e

Alma do Brasil”, do qual nascerá, no ano seguinte, *Raízes do Brasil*. Ainda em 1936 torna-se assistente do professor Henri Hausser, junto à cátedra de História Econômica Contemporânea da Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro. Não se pode esquecer, contudo, que, na mesma época, ele trabalhou com o professor Tronchon, titular da cátedra de Literatura Comparada da mesma universidade, sem descuidar os compromissos com as agências telegráficas internacionais, como *Havras* e *United Press*, de onde passará à *Associated Press* na qualidade de redator-chefe.

Com o retorno dos dois professores à França, Sérgio assume os cursos de História da América e História da Cultura Luso-Brasileira (1937) e depois é nomeado chefe da seção de publicações do Instituto Nacional do Livro, no âmbito do então chamado Ministério da Educação e Saúde.

O entrelaçamento de literatura e história, mencionado no início dessa apresentação, reaparece de maneira evidente a partir de 1940, quando Sérgio torna-se responsável pela crítica literária no *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, no lugar de Mário de Andrade, e perdura até quase o fim dos anos cinquenta, com uma atividade incansável e rica de contribuições sobre os mais variados temas nas principais revistas e nos maiores jornais brasileiros.

Como escreve Antônio Arnoni Prado, na concepção estética de Sérgio nota-se que “a análise formal, apesar de decisiva enquanto instrumento para o estudo direto da obra, não exclui qualquer elemento histórico, ambiental ou biográfico relacionado ao texto”. A razão está no fato de que o crítico não pode limitar-se a examinar a obra apenas como produto acabado, mas deve esforçar-se para efetuar uma “leitura atenta do seu processo de formação e de criação”⁴. Não se trata, portanto, de um historicismo à moda antiga, mas de um método flexível, contrário a qualquer tipo de esquema, sensível às contribuições derivadas de uma proposta hermenêutica, aberta a todo campo de pensamento (e, de fato, a literatura e a arte são para ele uma forma privilegiada de conhecimento).

É sobre essas bases que se apóia o imponente volume de escritos deixados pelo intelectual paulista, do qual se deduz ter freqüentado uma gama vastíssima de autores: dos clássicos gregos e latinos aos mestres italianos e ingleses, dos bardos medievais a Rimbaud, Mallarmé, Baudelaire, Valéry e ainda, citando desordenadamente, Dostoiévski, Pound, Eliot, Whitman, Proust, Joyce, Kafka e todos os representantes das vanguardas, passando pelos principais teóricos da arte e da literatura. Compreende-se, portanto, como e por que ele foi capaz de sempre estabelecer, no curso de sua vida, um diálogo muito fecundo com os representantes de todas as gerações de artistas que se sucederam no Brasil dos anos vinte em diante.

Com o passar do tempo, o seu curriculum de estudioso e homem público se torna cada vez mais rico.

No biênio 1944-45, passando a trabalhar na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, reúne em volume algumas de suas críticas literárias que publica com o título *Cobra de Vidro*; está entre os fundadores da “Esquerda Democrática”, depois do “Partido Socialista”, e dá à imprensa um impor-

tante estudo sobre a história das *bandeiras*, intitulado *Monções*. Nesse mesmo período é um dos primeiros a assinar uma declaração pública contra a ditadura de Getúlio Vargas.

O ano de 1946 assinala o retorno a São Paulo, onde assume a função de Diretor do “Museu Paulista”, que mantém até 58, quando passa no concurso para a cátedra de Civilização Brasileira no Departamento de História da Faculdade de Filosofia da USP.

Publica, entre 48 e 49, *Os Primórdios da Expansão Paulista no Fim do Século XVII* (Ed. da Faculdade de Ciências Econômicas da USP) e “Índios e Mamelucos na expansão paulista” (*Anais do Museu Paulista*).

Pertence a essa fase a estadia romana de Sérgio com a sua numerosa e alegre família: a mulher D. Maria Amélia Alvim Buarque de Hollanda, com quem se casou em 28 de dezembro de 1936, e os sete filhos nascidos durante esse tempo. Entre eles Francisco, nascido em 1944 e assim chamado em homenagem ao avô materno, que é hoje *Chico*, universalmente conhecido como um dos maiores compositores existentes no mundo.⁵

A fase romana de Sérgio, entre 1952 e o fim de 1954, será examinada em um parágrafo à parte.

Em 1957, publica o importante estudo *Caminhos e Fronteiras* e em 58 recebe o título de Mestre em Ciências Sociais da Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

No ano seguinte, publica o magnífico livro *Visão do Paraíso* (na prática a tese do concurso de cátedra), obra-prima de erudição e capacidade de análise dos processos socio-culturais, em que delinea um afresco dos motivos edênicos que marcaram a descoberta e a colonização do Brasil.

Entre 1962 e 64, dirige o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), do qual foi um dos criadores, e que ainda hoje representa um importantíssimo centro de pesquisa interdisciplinar na USP. Dessa universidade, Sérgio se distancia definitivamente em 1969 em sinal de protesto contra um decreto do governo militar então no poder, que punia como “subversivos” muitos professores de vários colégios (lembramos que, depois do golpe de 1964, o retorno à democracia acontece no Brasil em 1984 com a eleição de Tancredo Neves para Presidente da República, que morreu repentinamente antes de assumir o cargo).

O compromisso civil era, para Sérgio, elemento essencial da atividade de pesquisa e de ensino, que julgava sem sentido se não inspirada em valores éticos de grande amplitude. Também por esse motivo, como foi assinalado por muitos, Sérgio Buarque de Hollanda era um Mestre na acepção mais completa da palavra. Como escreveu em 1936, em *Raízes do Brasil*, “a sã política é filha da moral e da razão”.

À base de tais convicções faz parte em 1978 do grupo de homens de cultura que criam, sob a presidência do célebre arquiteto Oscar Niemeyer, o CBD (Centro Brasil Democrático), para depois filiar-se como membro fundador, em 1980, ao PT (Partido dos Trabalhadores).

No plano científico, no entanto, um trabalho de extraordinária grandeza é a *História Geral da Civilização Brasileira*, realizada por uma equipe de professores dirigidos por Sérgio; de 1960 a 1972, saem sete volumes, e o intitulado *Do Império à República* (tomo 2, vol. V) é escrito inteiramente por ele.

Seria muito longa a lista de cargos ocupados por Sérgio em organismos nacionais e internacionais como a Unesco, as missões diplomático-culturais nos Estados Unidos, França e Suíça, os prêmios recebidos como, por exemplo, o Jabuti pelo livro *Tentativas de Mitologia* de 1979 (no qual agrupa boa parte dos artigos de crítica literária dos anos cinquenta, mostrando um excelente conhecimento do *new criticism* em voga naqueles anos), as universidades estrangeiras onde ministrou aulas, seminários, cursos. Lembremos, entre outras, além da “Sapienza” de Roma, Harvard, Yale, Columbia e a Universidade de Santiago do Chile, onde ministrou um curso de História do Brasil no âmbito de um evento sobre a História das Américas. Disso ficou uma marca no volume, editado pela mesma Universidade em 1964 com o título *Tres lecciones inaugurales – Buarque, Romano, Savelle*.

À sua biografia deve-se acrescentar o volume *O Extremo Oeste*, anunciado por Sérgio em 1976 e deixado incompleto, publicado postumamente em 1986, organizado por José Sebastião Witter. Trata-se de um trabalho em que, prosseguindo a reconstrução da conquista do interior do imenso País por parte dos colonizadores paulistas, Sérgio nos restitui as enormes dificuldades constituídas pela geografia inacessível, a capacidade de adaptação dos aventureiros, os detalhes do dia-a-dia. Em outras palavras, estamos diante da “Vie quotidienne” que, a partir do famoso livro de Carcopino (1939) sobre a vida em Roma no apogeu do império, abriu novos horizontes à historiografia. Já em *Raízes do Brasil*, de resto, são evidentes os sinais de atenção para com o “cotidiano” dos colonizadores.

Alguns anos após a morte do Mestre, ocorrida em São Paulo em 24 de abril de 1982, sua esposa Maria Amélia encontrou originais inéditos relativos à literatura do período colonial. Entregues a Antonio Candido, amigo fraterno de Sérgio e suprema autoridade no atual panorama dos estudos literários no Brasil, esses foram reconhecidos de importância excepcional e, então, organizados e publicados no volume *Capítulos de Literatura Colonial*, com introdução do próprio Antonio Candido (1991).

3. O período romano: a descoberta de um “momento decisivo”

Senhor Ministro, [...] Cumpro agora o grato dever de referir-me à incansável atividade empregada pelo Professor Buarque de Hollanda durante o tempo em que esteve em Roma, numa missão cultural de grande interesse para o Brasil. É possível que, em outras capitais e outras circunstâncias, o envio de escritores ou personalidades brasileiras para reger cátedras tenha sido inútil ou improdutivo. Não foi certamente o que aconteceu em Roma onde, desde a sua chegada, o Professor Buarque de Hollanda estabeleceu contatos íntimos e cotidianos com os ambientes universitários e culturais italianos e soube ganhar a estima e a admiração de seus colegas italianos [...].

Assim escrevia Carlos Alves de Souza, embaixador do Brasil na Itália, em uma longa carta enviada em 22 de dezembro de 1954 ao Ministro das Relações Exteriores Raul Fernandes, na qual, de um lado, exprimia a sua satisfação pelo fato de que a Universidade de Roma, graças sobretudo às atividades de Sérgio, havia decidido criar a título permanente a cátedra de Literatura Brasileira, de outro, sublinhava a necessidade de substituir o prestigioso professor por uma personalidade do mesmo nível intelectual, para evitar a criação de uma “sinecura” para personagens de valores duvidosos. Os seus temores não tinham fundamentos: a cátedra seria entregue a Murilo Mendes, um dos maiores poetas do século XX brasileiro e italiano adotivo.

Na mesma carta, com os elogios da ação desenvolvida pelo autor de *Raízes do Brasil*, o embaixador fazia algumas considerações que nos fariam refletir, quando escrevia que a estadia de Sérgio em Roma havia sido o início de “um longo e paciente trabalho de penetração cultural” em um País como a Itália “onde a curiosidade pelo Brasil não se dirige moralmente para coisas de interesse cultural, literário ou artístico”.⁶

Alguns dias após o envio dessa carta, a *turma* completa dos Buarque de Hollanda embarca no *Eugenio C*, de volta à pátria. No relato-depoimento de D. Maria Amélia, essa viagem nos traz a imagem de uma alegre comitiva encabeçada pela imponente figura de Sérgio que, na passagem do Equador, se disfarça, segundo a tradição, de Netuno e batiza na água da piscina de bordo todos os passageiros que encontra.

Era a alegre conclusão de uma experiência que, mesmo breve, havia produzido uma reviravolta importante na vida intelectual e pública do Mestre. Somente nos últimos anos a crítica começou a entender seu real significado.

A aventura romana de Sérgio havia começado a fins de dezembro de 1952, quando ele chegou na capital italiana a bordo de um avião. A família (é sempre D. Maria Amélia que conta) uniu-se a ele no mês de fevereiro seguinte, fixando residência em um apartamento no bairro Trieste, na via S. Marino 12.

Obtida uma licença do Museu Paulista (o cargo de diretor foi temporariamente assumido pelo etno-antropólogo Herbert Baldus), foi-lhe confiada pelo Itamaraty uma missão particularmente delicada que, além dos aspectos culturais, envolvia fatores político-diplomáticos e que até agora não mereceu a devida atenção da historiografia.⁷ Não se pode esquecer, de fato, que no início dos anos cinqüenta, as relações italo-brasileiras ainda se ressentiam da ruptura que, nos tradicionais e fortes vínculos de amizade entre os dois países, foi causada pela guerra em frentes opostas: lembremos que em 1942 o regime de Getúlio Vargas, sob pressão dos Estados Unidos, entrou em guerra contra o eixo Alemanha-Itália. No final do conflito o diálogo foi retomado quase imediatamente e em 1949 foi assinada a Declaração de Amizade e Cooperação, mas continuavam pendentes numerosas questões relativas sobretudo aos bens italianos no Brasil, confiscados durante o conflito.

Dando exemplo de alto grau de civilização, os dois Estados confiaram na cultura para resolver o contencioso e completar o processo de pacificação. Ainda em 1949 voltou a funcionar o Centro Cultural Brasil-Itália do Rio de Janeiro, presidido pelo historiador Pedro Calmon e dotado de um comitê diretor de alto nível, e em 1951, o instituto “Angelicum”, de Milão, levou ao Brasil uma mostra de arte sacra e uma orquestra. O Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, de São Paulo, ofereceu um substancial prêmio para a melhor monografia sobre as relações entre os dois países, enquanto a embaixada do Brasil em Roma promoveu a difusão da cultura e da literatura brasileira, incentivando a publicação em italiano de livros de valor.

Sérgio foi escolhido, em base à sua fama de homem cultíssimo e ao mesmo tempo sociável, para abrir espaço nos reticentes círculos acadêmicos e diplomáticos italianos. Com espírito de serviço, com base na ética do trabalho intelectual, mencionada anteriormente, Sérgio aceitou o cargo, que desempenhou da melhor maneira: além de manter a cátedra de Estudos brasileiros na Universidade de Roma (a aula inaugural acontece em 15 de abril de 1953, sob os auspícios do reitor Giuseppe Cardinali e do presidente da Faculdade de Letras e Filosofia Gino Funaioli), ocupou-se do Instituto Ítalo-Brasileiro, criado naquele mesmo ano pelo Embaixador Alves de Souza, foi membro do conselho de administração da Fundação Amerigo Rotellini, que oferecia bolsas de estudos a brasileiros que queriam se especializar na Itália, participou das reuniões do Prêmio Pasquale Petraconi para incentivar obras sobre a contribuição italiana ao desenvolvimento do Brasil, fez conferências no Campidoglio e em outras instituições importantes.

Nesse contexto, saiu em edição italiana, pela editora dos irmãos Bocca e na tradução de Cesare Rivelli, o seu já clássico *Raízes do Brasil*, com o título modificado para *Alle Radici del Brasile* (1954). A publicação fazia parte da comemoração do IV Centenário da Fundação de São Paulo.

Como se sabe, quatro anos depois do retorno de Sérgio a sua cidade de origem, os dois Estados assinaram um importante Acordo Cultural (1958) durante a visita do Presidente Giovanni Gronchi no Brasil de Juscelino Kubitschek, visita que liquida definitivamente o contencioso e restabelece os antigos vínculos de amizade. É inegável que a ação desenvolvida por Sérgio nos seus dois anos na Itália foi, nesse sentido, decisiva.

O relato de D. Amélia sobre a vida cotidiana do marido em Roma é rico em episódios engraçados, dado o caráter alegre do personagem. Como aquela vez que, retornando de Siena, parou em San Gimignano, ficando encantando com a cidade, mas em família havia brincado com todos dizendo que com a grande quantidade de edifícios em forma de torre, parecia estar em Nova York. Mulher e filhos acreditaram nele, de modo que D. Maria Amélia visitou a cidadezinha toscana somente muitos anos depois, já viúva, ficando, por sua vez, fascinada.

Lembra ainda a velha senhora os jantares em família nas trattorias de Trastevere, os passeios em Nápoles, Pompéia e Herculano, e Paestum, Capri e na Costeira Amalfitana, as visitas a Tarquinia, Ravenna, Assisi, Perugia,

Siena, Arezzo. Mas os lugares preferidos de Sérgio eram Veneza e sobretudo Florença, apaixonado como era pela arte renascentista. Naquela cidade, ademais, fazia freqüentemente as suas pesquisas de arquivo, que lhe permitiram acumular uma impressionante documentação de tipo histórico-literário.

Entre os nomes da *intelligentsia* que o intenso trabalho lhe fazia, às vezes, freqüentar, estavam obviamente Giuseppe Ungaretti “brasileiro *ad honorem*”, o cerimonioso Mario Praz de quem admirava o refinamento, o escultor Mazzacurati, Edoardo Bizzarri, grande figura-ponte entre Itália e Brasil, Tullio Ascarelli, Don Ciccillo Matarazzo, herdeiro do mítico Conde, e outros dos quais a nossa “fonte oral”, D. Maria Amélia tem vagas recordações. De um, contudo, recorda-se ainda muito bem: Vinícius de Moraes, grande amigo de família, passou de fato algumas semanas na casa romana deles, antes de se transferir para Paris como cônsul do Brasil.

O título do presente parágrafo se relaciona a um livro que, publicado pela primeira vez em 1957, permanece um ponto de referência obrigatório para todos os estudiosos de literatura brasileira: *Formação da Literatura Brasileira – Momentos Decisivos*, do já mencionado Antonio Candido.

Examinando o período entre 1750 (época das Academias, da Arcádia e de intelectuais “iluministas”) e 1836 (ano da publicação de *Suspiros Poéticos e Saudades* de Gonçalves de Magalhães e – por convenção crítica já consolidada – de afirmação definitiva do Romantismo no Brasil), o estudioso situa na fase arcádica o verdadeiro início de uma cultura literária, compreendida como sistema de obras ligadas por denominadores comuns (língua, temáticas, “materiais” sociológicos expressos em formas literárias), em que a separação entre os homens de cultura operantes na então colônia portuguesa e a metrópole se manifesta de maneira não mais episódica: a percepção de uma diversidade que, através da natureza, remonta às origens autóctones e, portanto, à matriz indígena, americana, acelera o processo que conduzirá o Brasil à declaração da independência de Portugal em 1822.

Nesse sentido, Antonio Candido fala do período arcádico como de um “momento decisivo” e faz, no seu livro, algumas importantes referências à influência italiana nas idéias que circulavam à época na Península Ibérica e no Brasil. De um lado, Muratori e de outro Metastasio, considerado naquela época o sumo pontífice das letras européias, contrabalançaram o esquema teórico dos Iluministas franceses.

Voltando a Sérgio Buarque de Hollanda, não por acaso aplicamos ao seu período romano a expressão “momento decisivo”, usada em 57 pelo amigo Antonio Candido para intitular o seu livro.⁸ Aquele biênio em Roma foi decisivo do ponto de vista político-institucional nas relações entre Brasil e Itália, como observamos, mas o foi também no plano da história mental do estudioso, tanto que o próprio Antonio Candido, quando organizou os inéditos no volumoso *Capítulos de Literatura Colonial*, escreveu que se deveria falar de uma “fase italiana”, no pensamento de Sérgio, que abriu novos rumos à historiografia literária. Consultando os manuscritos, pesquisando na

Arcádia Romana, lendo as edições mais raras dos autores italianos do período renascentista, barroco, arcádico e pré-romântico, como demonstravam os seus escritos sobre o ideal heróico, a epopéia, o mito americano, sobre Antônio Vieira, a Arcádia heróica e, sobretudo, Cláudio Manuel da Costa, ele acumulou uma bagagem bibliográfica extraordinária, cujos êxitos são visíveis também no eruditíssimo livro *Visão do Paraíso*. Passando de Horácio a Ovídio, de Dante, Boccaccio e Petrarca a Ariosto e Tasso, dos Padres da Igreja a Marsilio Ficino e à tradição neoplatônica, de Bembo a Trissino, a Castiglione, a Della Casa, de Macchiavelli a Guicciardini e de Galileu a Giordano Bruno e a Campanella, de Marino a Guidi, a Rollí, ao “divino” Metastasio, de Vico a Muratori e a Genovesi, a Filangieri chegando a Benedetto Croce, para não dizer dos tantos outros nos mais variados campos das artes e da pesquisa, ele traçou um percurso que redimensiona o estereótipo da dependência da cultura brasileira em relação à francesa, especialmente depois da Independência, e privilegia os vínculos com a herança italiana. Como diz sagazmente Antonio Candido, Sérgio Buarque de Hollanda “modifica as perspectivas”.⁹

4. As raízes de um edifício gigantesco: este livro, esta edição

A análise aprofundada de *Raízes do Brasil*, conduzida com a maestria de uma verdadeira autoridade no campo dos estudos sociais como Fernando Henrique Cardoso e contida no prefácio deste volume, nos permite dar por aceita, por parte do leitor, a percepção dos aspectos fundamentais da obra. Talvez, não será inútil fornecer ao nosso público alguns pontos de referência a fim de situar o “clássico” de Sérgio Buarque de Hollanda dentro de coordenadas histórico-culturais nas quais possa inserir maiores elementos de reflexão.

Em outras palavras, em qual contexto nasce o livro e o que pode oferecer, àquele que Umberto Eco chamaria de “leitor modelo” italiano de hoje, dotado talvez de uma boa bagagem de “encenações” (o termo corresponde, mais ou menos, ao “horizonte de expectativa” de que fala Jauss), a leitura de um texto de 1938 que, no seu estilo incisivo, conserva intacta uma notável “densidade informativa”, para usar uma expressão familiar a Lotman?

Como bem ressaltou Fernando Henrique, *Raízes do Brasil*, insere-se naquela tradição de “inventores do Brasil”, que desde o final do século XIX se interrogavam sobre a especificidade do Brasil, seus modos de ser em relação ao resto das Américas, a relação continuidade/ruptura nas relações com o Velho Mundo.

Para chegar à verdadeira e própria “recepção” do livro de Sérgio, o nosso “leitor modelo” do ano de 2000 precisa saber que os anos trinta do século XX foram, para o Brasil, um período de assentamento depois dos terremotos de tipo econômico, político e social das duas décadas precedentes.

As estruturas socio-políticas tradicionais ficaram praticamente inalteradas tanto depois da conquista da Independência (1822), quanto depois da queda da monarquia e o advento da República (1889), com a perpetuação de uma ordem oligárquica baseada na propriedade de terra das elites econômicas aliadas aos centros internacionais de poder (o domínio inglês no Brasil e em outras zonas da América Latina foi quase absoluto durante o século XIX).

Estava, contudo, em ação um processo destinado a modificar de maneira radical a ordem da sociedade brasileira, como assinala Fernando Henrique no seu prefácio a este volume, situando o ponto decisivo no plano interpretativo: a abolição da escravatura (1888), e os maciços fluxos migratórios ligados sobretudo à economia do café, estavam revolucionando o perfil demográfico do País. O município de São Paulo, por exemplo, passou de cerca 40.000 habitantes em 1886 a 580.000 em 1920, para superar o milhão em 1934.

O incremento exponencial das massas urbanas acompanhava o forte desenvolvimento da indústria: aumentando o mercado interno, esse cresce durante a Grande Guerra em um processo que foi definido como “substituição dinâmica das importações”, visto que os tradicionais fornecedores estrangeiros estavam empenhados a se enfrentar. O movimento operário, guiado em boa parte por líderes provenientes da imigração, era muito ativo, especialmente em São Paulo, teatro de greves que frequentemente se estendiam ao resto do País.

Os “frementes anos vinte” marcaram o definitivo deslocamento do epicentro da vida nacional do nordeste da cana-de-açúcar e do cacau às regiões do centro-sul. 1922, o ano do centenário da Independência, foi um momento verdadeiramente crucial e viu a revolta no Rio de Janeiro dos jovens oficiais do exército que deu início a uma série de atos rebeldes dentro das Forças Armadas (“Tenentismo”), a fundação do Partido Comunista, a explosão – não por acaso na capital industrial, a *Paulicéia* – do Movimento Modernista com a sua carga dilacerante no campo da cultura.

O crack da bolsa de Nova York em 29 fez cair o preço do café nos mercados internacionais e teve como reação imediata, no Brasil, o fim da chamada “política do café com leite” que havia caracterizado a república até então, com a alternância dos Presidentes da Federação provenientes dos dois Estados mais ricos, Minas Gerais e São Paulo.

No ano seguinte, a coalizão reunida na Aliança Liberal depôs com um golpe de Estado o Presidente eleito Júlio Prestes e empossou no palácio do Catete no Rio (a residência presidencial) o governador do importante Estado do Rio Grande do Sul, Getúlio Vargas.¹⁰

Depois de uma série de convulsões em várias zonas do País, culminadas com a rebelião constitucionalista de São Paulo de 1932 e um esboço de insurreição comunista no Nordeste em 1935, em 10 de novembro de 1937 as Forças Armadas cercam o Congresso Nacional e Vargas anuncia no rádio a entrada em vigor da nova Constituição (a quarta na história do

Brasil e a terceira do período republicano). Conhecida como “Polonesa”, porque inspirada na vigente então em Polônia, essa constituição determina a extinção dos partidos políticos e considera o Executivo “órgão supremo do Estado” e o Presidente a “suprema autoridade”.

Nasce assim o “Estado Novo”, que termina em 1945 com a deposição de Vargas pelos militares. Voltando ao poder em 1950, desta vez pela via democrática, o estadista *gaúcho* concluiria tragicamente a sua atividade política e humana, suicidando-se em 24 de agosto de 1954, por motivos nunca verdadeiramente esclarecidos.

Personagem complexo e contraditório, Getúlio Vargas, de qualquer modo, representou com o seu populismo teso dirigido à modernização, uma época de fundamental importância na história do Brasil.¹¹

Colocado entre essas coordenadas, o livro de Sérgio Buarque de Hollanda revela a sua força antecipadora, como afirma Fernando Henrique, mostrando o processo de “reinvenção permanente” em que consiste a democracia. O discurso vale, evidentemente, não apenas para o Brasil, mas para qualquer outro país que verdadeiramente preze o respeito aos direitos fundamentais do indivíduo e da coletividade.

5. Conclusões

Sobre *Raízes do Brasil* muito se escreveu e muito ainda se escreverá, considerando que, como todo clássico, esse oferece sempre ao crítico e ao leitor novas possibilidades de “execução”, de interpretação.

Se Alexandre Eulálio vê em Sérgio “antes de tudo um escritor” com seu talento estilístico emprestado nesse caso à história, Antonio Candido (como observamos) evidencia a ausência de dogmatismo e a “meditação de tipo dialético”, enquanto o “antropófago” Oswald de Andrade vê no nexos “cordial/coração” a relação primária entre amor e ódio e resolve à sua maneira a polêmica provocada pelo famoso capítulo de *Raízes*: “o homem cordial” (expressão usada pela primeira vez pelo poeta Ribeiro Couto) contém dentro de si, o próprio oposto, “sabe ser cordial como sabe ser feroz”.

De um ponto de vista mais distante no espaço e no tempo, Jorge Forbes acredita de poder encontrar na duplicidade tipológica da expressão uma semelhança com o que diz Jacques Lacan no seu seminário sobre o *transfert*, quando se refere aos tipos do altruísta e do egoísta.¹²

Revisitando o livro segundo sugestões derivadas de Gilles Deleuze e Félix Guattari, duas estudiosas brasileiras interpretam a metáfora fitomórfica do título (de fato, as *Raízes*) como um sinal do interesse, por parte do autor, por um sistema de “processos diferenciais” dos códigos simbólicos que parecem antecipar em muitos anos os princípios formulados pela teoria da cultura. Ao mesmo tempo, sustentam as autoras, numerosos indícios deixam entrever uma certa familiaridade de Sérgio “com o pensamento estruturalista de Genebra e russo”.¹³

Nós, ao contrário, sob a escolta da perspectiva italiana evidenciada por Antonio Candido, podemos hipotizar, no individualismo brasileiro descri-

to pelo autor, o reflexo mais ou menos distante de um *particular* de memória guicciardiniana. E mais, a explícita identificação, logo nas últimas linhas do livro, da “lei do fluxo e refluxo”, defendida pelo filósofo napolitano Giambattista Vico, com o “ritmo espontâneo” seguido pela sociedade no Brasil no curso do tempo, poderia com alguma razão induzir-nos a interpretá-la como uma concepção que reafirma a competência de seu País, mesmo na especificidade “americana”, ao modelo de civilização ocidental irradiado da Itália do Renascimento.

Não é esse, contudo, o nosso escopo. Na qualidade de leitores italianos da “última curva da modernidade” (tomo em empréstimo uma sugestiva expressão de Eduardo Portella),¹⁴ nós queremos homenagear, através de Sérgio, o Brasil que comemora 500 anos do momento em que acontece oficialmente o encontro entre o homem europeu e a antiga “Ilha da Vera Cruz”. Essa nova edição do livro, depois daquela amplamente ultrapassada de 1954, possa talvez oferecer ao nosso público a oportunidade de repensar em formas menos simplistas – respeito a um passado ainda recente – aquele Brasil que o cultíssimo e jovial professor dos primeiros anos cinqüenta nos apresentava, em um belo ensaio publicado na revista *Ausonia*, com uma série inicial de “o maior”, justificando essa espécie de “obsessão” como o inócuo “vício de uma País ainda adolescente”.

O adolescente, nesse meio tempo, cresceu seguindo percursos em alguns casos previstos por Sérgio. Dos cinqüenta milhões de habitantes de então se passou aos mais de cento e setenta de hoje com previsões de chegar a duzentos e cinqüenta em 2045; a sua economia está entre as dez primeiras do mundo, a democracia se consolidou, apesar dos condicionamentos internos e externos e dos problemas sociais ainda por serem resolvidos, a cultura teve êxitos até surpreendentes. É muito significativo, de resto, o fato que ao máximo cargo de Estado tenha chegado um intelectual de fama internacional.

Evidentemente, as raízes que Sérgio sondava com tanta perspicácia e tanta elegância deviam ser muito sólidas, para sustentar um tronco tão imponente. E é reconfortante, de nosso ponto de vista, saber que uma porção dessa exuberante planta multiétnica é composta de mais de vinte e cinco milhões de oriundos italianos (a “maior” – teria dito o Mestre – comunidade de origem italiana em todo o mundo)¹⁵, que são orgulhosos de suas origens e ao mesmo tempo se sentem profundamente brasileiros. Para nós, o principal dom de Sérgio Buarque de Holanda, Mestre e pioneiro da invenção do novo Brasil americano, consiste na tenacidade com que soube, sobretudo durante e depois dos anos romanos, valorizar a “contribuição italiana na formação do Brasil” (assim diz o título de seu ensaio publicado em *Ausonia*, que não por acaso insiste muito na influência da Arcádia).

Também nesse ensaio, falando de nossos dois povos e de nossas duas culturas “tão distantes entre elas no espaço”, escreve que esses estão “no entanto muito próximos nas suas comuns e seculares raízes”.¹⁶

Com esta nova edição italiana do livro, o “clássico de nascença”, Sérgio retorna idealmente com nós à beira do rio Tevere, tão amado por ele, e entre as prestigiosas e antigas paredes da sua embaixada.

Roma, janeiro de 2000.
Tradução de Andréia Guerini

NOTAS

- 1 Este artigo foi originalmente publicado em italiano como introdução à segunda edição italiana de *Raízes do Brasil*, Firenze: Giunti, Embaixada do Brasil em Roma & Ministério da Cultura do Brasil, 2000. Tradução de Luciano Arcella e prefácio de Fernando Henrique Cardoso.
- 2 Ficou famosa a exclamação do poeta Manuel Bandeira: “A classe de Sérgio! Foi a primeira qualidade que me chamou a atenção para ele há uns trinta anos”. Nesse mesmo artigo é frisada a disciplina mental do autor de *Raízes do Brasil* (“Sérgio, Anticafajeste”, em *Diário Carioca*, 13.7.1953). Daqui deriva o título do segundo parágrafo desta apresentação.
- 3 Em 1967, por ocasião de uma das muitas reedições do volume (contam-se 26 até 1999), Antonio Candido escreve um ensaio intitulado “O significado de *Raízes do Brasil*”, desde então constantemente utilizado como introdução.
- 4 Antônio Arnoni Prado reuniu a quase totalidade dos artigos de crítica literária escritos por Sérgio desde os exórdios de 1929 até 1959, quando se dedicou completamente à sua atividade de historiador, nos dois volumes do livro *Sérgio Buarque de Hollanda – O Espírito e a Letra. Estudos de crítica literária* (I vol. 1920-1947, II vol. 1948-19159), São Paulo, Companhia das Letras, 1996. A citação foi extraída da introdução de Arnoni Prado, vol. I, p. 30.
- 5 Parece-me interessante, a propósito de *Chico*, e da sua relação com a música, lembrar o que dizia há tanto tempo o sociólogo Gilberto Freyre, outro monstro sagrado entre os “descobridores do Brasil”, autor em 1933 do fundamental *Casa-Grande e Senzala*, no qual, inspirando-se nos princípios da antropologia cultural norte-americana, destaca a importância do elemento negro e da mestiçagem na formação da sociedade brasileira. Segundo ele, na base dos triunfos de *Chico* estão os seus pais: a mãe Maria Amélia, “tão castiçamente brasileira” e seu pai Sérgio, de quem lembra “o êxtase” com que se colocava ao piano neste ou naquele bar freqüentado pelos costumeiros, obcecados *boêmios* e se deliciava, ele próprio, “o modernista de *Estética*, em tocar músicas saudosamente também brasileiras” (G. Freyre, “Sérgio, mestre de mestres”, no número especial dedicado a Sérgio Buarque de Hollanda da *Revista do Brasil*, III, 1987, n. 6, p. 117). Ficou depois famosa a brincadeira de Sérgio quando um entrevistador lembrou que, segundo o grande poeta Manuel Bandeira, ele era um Mestre incomparável em sua

geração. “Nada disso”, interrompe Sérgio, “eu sou apenas o pai de *Chico!*”. O episódio foi relatado por José Sebastião Witter na sua introdução à edição póstuma do volume de Sérgio Buarque de Hollanda, *O Extremo Oeste*, São Paulo, Brasiliense, 1986, p. 21.

- 6 A carta está conservada no fundo documental entregue pela família Buarque de Hollanda ao “Arquivo Central do Sistema de arquivos/Siarq” da Universidade de Campinas e é indicada pela sigla Vp 61 P2. No mesmo fundo se encontram, entre outros documentos relativos ao período romano de Sérgio, a carta com que Angelo Monteverdi comunicava-lhe que o conselho da Faculdade de Letras e Filosofia o havia nomeado professor de Literatura Brasileira (15 de dezembro de 1954), e uma anterior enviada de Paris em 14 de maio de 1954 por Murilo Mendes, que lhe pedia notícias sobre o andamento do curso na Universidade de Roma. Os documentos e as fotos reproduzidas no apêndice à presente introdução provêm desse fundo.
- 7 É singular, por exemplo, que mesmo o excelente livro de Amado Luiz Cervo, *As relações históricas entre o Brasil e a Itália – o papel da diplomacia*, Brasília, Fundação Giovanni Agnelli-Istituto Italiano di Cultura – Editora da Universidade de Brasília, 1991, não faça menção, no detalhado exame da função assumida pelo homem de cultura naqueles anos delicados, à presença em Roma de Sérgio Buarque de Hollanda (cfr. pp. 189-191). Ver as edições italianas publicadas pela Fundação Giovanni Agnelli, Torino, 1991 e 1994.
- 8 Sabe-se que Oswald Spengler (1880-1936), o filósofo alemão autor de um livro (*A decadência do Ocidente*, 1918-1922) que Sérgio Buarque de Hollanda certamente conhecia, escreveu também, em 1933, a obra intitulada *Anos decisivos*. Parece claro que esta é a fonte da qual o Mestre paulista tirou, no seu livro de 1936, a expressão usada a propósito da abolição da escravidão no Brasil (1888), definida de fato “talvez o momento mais decisivo de todo o nosso desenvolvimento nacional”. Nos últimos dois capítulos de *Raízes* o termo “decisivo”, diversamente associado, aparece com frequência.
- 9 Ver a introdução de Antonio Candido ao volume citado, São Paulo, Editora Brasiliense, p. 19. Para completar o perfil histórico-crítico de Sérgio e da sua bibliografia, é oportuno destacar, nesse ponto, que pouco antes da sua transferência para a Itália, ele organizou uma *Antologia dos poetas brasileiros da fase colonial*, publicada em 52 pelo Ministério da Educação e Saúde e pelo Instituto Nacional do Livro.
- 10 Para o quadro histórico-político dos primeiros trinta anos do Novecentos, retomei as observações que utilizei na introdução à edição italiana, por mim organizada, de Paulo Prado, *Retrato do Brasil – ensaio sobre a tristeza brasileira*, Roma, Bulzoni, 1995, em particular as pp. 22-25.
- 11 Sobre esses temas, ver o importante volume de Angelo Trento, *Il Brasile. Una grande terra tra progresso e tradizione (1808-1990)*, Firenze, Giunti, 1992, em particular as pp. 59-116.
- 12 A comparação é desenvolvida no breve ensaio “L’Homme Cordial et la psychanalyse”, colocado no apêndice de Sérgio Buarque de Hollanda, *Racines du Brésil*, Paris, Gallimard-UNESCO, 1998 (pp. 328-336).

- 13 Mariza Veloso e Angélica Madeira, “Sérgio Buarque de Hollanda: raízes e rizomas do Brasil”, in *Leituras brasileiras. Itinerários no pensamento e na literatura*, São Paulo, Paz e Terra, 1999, pp. 163-177 [171].
- 14 Eduardo Portella, “O Testamento da Utopia”, in *Tempo Brasileiro*, n. 122-123, julho-dezembro de 1995, pp. 133-140 [139].
- 15 Esses dados foram extraídos do volume editado pela embaixada da Itália em Brasília em cooperação com o Instituto Italiano de Cultura de São Paulo e o Instituto de Cultura Ítalo-brasileiro, *Presenza italiana in Brasile. Cenni sulle collettività*, com apresentação e ensaio introdutório do embaixador Michelangelo Jacobucci, Brasília, 1999.
- 16 Dirigida por Luigi Fiorentini e publicada em Siena, a revista bimestral *Ausonia* publicou em 1954 (IX, n. 5, setembro-outubro) um número especial dedicado ao Brasil. A maior parte das contribuições foi escolhida por Sérgio Buarque de Hollanda, que indicou ensaios, poemas, contos, material, em grande parte, inédito na Itália (Machado de Assis, José Lins do Rego, Sérgio Milliet, Barreto Filho, Manuel Bandeira, Ribeiro Couto, Cassiano Ricardo, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Lêdo Ivo, Vinicius de Moraes e outros). Entre os tradutores, estavam Mercedes La Valle e Enzo Vulture. O número compreende também um artigo de Mario Verdone sobre “O jovem cinema brasileiro” (pp. 89-91). O ensaio de Sérgio abre o número, servindo como introdução (pp. 9-20).